

SEÇÃO: ARTIGOS

Experiências e desafios docentes na formação dos fonoaudiólogos em diferentes cenários de prática

Vivian de Carvalho Reis Neves¹, Lilian Koifman²

RESUMO

O presente estudo se insere nas discussões acerca da formação dos fonoaudiólogos através da inserção discente em diferentes cenários de prática profissional. Ele teve como objetivo explicitar como os docentes se comunicam, constroem pactuações e assumem responsabilidades com os diferentes espaços de inserção de seus alunos na rede de saúde e com o processo de ensino. Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa. O itinerário investigativo se pautou na realização de entrevistas semiestruturadas com os docentes do curso de graduação inseridos na rede de saúde do município. As respostas obtidas, quando confrontadas com os itinerários de trabalho, revelaram que o curso apresenta fragilidades em sua estrutura curricular e que o docente, ao conquistar cada campo de prática, pactua responsabilidades mútuas com os discentes, os diferentes serviços e com o seu próprio processo de trabalho, por aprenderem cotidianamente com as vivências, as dificuldades e os desafios enfrentados nos cenários de aprendizagem.

Palavras-chave: Fonoaudiologia. Ensino. Cenários de aprendizagem.

Como citar este documento – ABNT

NEVES, Vivian de Carvalho Reis; KOIFMAN, Lilian. Experiências e desafios docentes na formação dos fonoaudiólogos em diferentes cenários de prática. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 11, e024715, p. 1-20, 2021. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.24715>.

Recebido em: 31/08/2020

Aprovado em: 05/11/2020

Publicado em: 30/03/2021

¹ Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8665-6830>. E-mail: viviancrneves@gmail.com

² Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1038-3490>. E-mail: liliankoifman@id.uff.br

Experiencias docentes y retos en la formación de fonoaudiólogos en diferentes escenarios de práctica

RESUMEN

Este estudio es parte de las discusiones acerca de la formación de fonoaudiólogos a través de la inserción de los estudiantes en diferentes escenarios de práctica profesional. Tuvo como objetivo explicitar cómo los docentes se comunican, construyen acuerdos y asumen responsabilidades con los múltiples espacios de inserción de sus alumnos en la red de salud y con el proceso de enseñanza. El trabajo se desarrolló a través de un estudio descriptivo con abordaje metodológico cualitativo y realización de entrevistas semiestructuradas con los docentes del curso de grado inseridos en la red de salud del municipio. Las respuestas obtenidas, cuando comparadas con los caminos de trabajo establecidos, demuestran que el curso de grado presenta debilidades en su estructura curricular y que el docente, al conquistar cada campo de práctica, establece responsabilidades mutuas con los estudiantes, los diferentes servicios y con su propio proceso de trabajo, para aprender diariamente con las experiencias, desafíos y dificultades que se enfrentan en los escenarios de aprendizaje.

Palabras clave: Fonoaudiología. Enseñanza. Escenarios de aprendizaje.

Experiences and teaching challenges in the training of speech therapists in different practice scenarios

ABSTRACT

The present study is part of the discussions about the training of speech therapists through the insertion of students in different scenarios of professional practice. It aimed to explain how teachers communicate, build agreements and take on responsibilities with the different spaces of insertion of its students in the health network and with the teaching process. This is a descriptive study with a qualitative approach. The investigative itinerary was based on the realization of semi-structured interviews with the undergraduate course teachers inserted in the municipality's health network. The obtained answers, when confronted with the work itineraries, revealed that the course has weaknesses in its curricular structure and that the teacher, when conquering each field of practice, agrees mutual responsibilities with the students, the different services and with its own work process, for learning daily from the experiences, difficulties and challenges faced in the learning scenarios.

Keywords: Speech therapy. Teaching. Learning scenarios.

INTRODUÇÃO

A elaboração e a implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) da área da saúde para os cursos de graduação (BRASIL, 2002) culminou em um movimento de orientação da formação, com o objetivo de superar o modelo tradicional de grade curricular e a organização pedagógica marcada pela fragmentação de conteúdos, por intermédio de propostas articuladas e voltadas para a formação profissional vinculada ao mundo do trabalho (COSTA; BARA; GARCIA, 2013).

O ideal de currículos mais sensíveis às necessidades do trabalho envolveu atenção às práticas curriculares nos locais em que elas ocorrem, bem como em espaços sociais nos quais se aprende saúde. Esta concepção promove nos currículos a ideia de espaços de aprendizagem como possibilidade de articulação dos processos de conhecimento e de trabalho, tendo como eixo orientador do ensino os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) (FAGUNDES; BURNHAM, 2005). Nesse sentido, a integração ensino-serviço se revela como um dispositivo qualificado para potencializar as atividades curriculares desenvolvidas nos cursos de ensino superior na área da saúde (FORTE *et al.*, 2015).

A inserção no cotidiano dos serviços permite uma formação enriquecedora, ao revelar as múltiplas possibilidades de atuação e do “fazer saúde”, através de discussões e realização de projetos que superam a mera aplicação de técnicas e procedimentos e que permitem vivências pautadas na integralidade da atenção, do cuidado em saúde, do vínculo e da responsabilização, da escuta e da acolhida ao sujeito que sofre, além da oferta de uma atenção de qualidade (SAIPPA-OLIVEIRA, 2010).

Sobre a fonoaudiologia, ela é compreendida como a ciência que tem como objeto de estudo a comunicação humana, no que se refere ao seu desenvolvimento, aperfeiçoamento, tratamento e reabilitação de distúrbios que podem acometer os indivíduos nas diversas fases da vida. O fonoaudiólogo, por sua vez, é um profissional das áreas de saúde e educação, responsável pela promoção da saúde, prevenção, avaliação e diagnóstico, orientação, terapia e aperfeiçoamento dos aspectos fonoaudiológicos da função auditiva periférica e central, da função vestibular, da linguagem oral e escrita, da voz, da fluência, da articulação da fala e dos sistemas miofuncional, orofacial, cervical e de deglutição (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2007).

Segundo o exposto até o momento, a legislação estabelece que tais estágios sejam realizados em cenários diversificados, nos diferentes níveis hierárquicos de atenção à saúde do SUS. O formando deve ter contato direto com a prática de sua profissão, aprendendo com seus professores, com a rede de saúde e com a comunidade.

Sobre a formação do fonoaudiólogo, pode-se afirmar que o docente, ao acompanhar o estudante no campo de práticas, tem grande importância no incentivo à articulação teoria-prática, às vivências e aos conhecimentos reais, viabilizando, de fato, uma aprendizagem significativa. Assim, o professor exerce papel fundamental para a mudança de paradigmas no ensino na saúde, visto que eles precisam saber e discorrer mais do que temas de especialidades da clínica fonoaudiológica. Para tanto, é preciso concepção ampla sobre a função docente, sobretudo no campo de prática, processo imprescindível na vida do estudante (LIMA; VILELA, 2014).

O curso de graduação em fonoaudiologia estudado iniciou suas atividades em março de 2010. Apresenta formato integral e carga horária total de 4.500 horas, distribuídas em 10 períodos, com 100 dias letivos por semestre. Das 4.500 horas, 2.340 horas correspondem a disciplinas teóricas obrigatórias, 360 horas destinam-se às disciplinas de Trabalho de Campo Supervisionado (TCS) em Fonoaudiologia e 900 horas são reservadas aos estágios obrigatórios. Há ainda 900 horas, das quais o aluno deve escolher 600 horas de disciplinas optativas e 300 horas de atividades complementares (ensino, pesquisa, extensão e gestão e outras atividades avaliadas pelo Colegiado de Curso).

Merece destaque no currículo do curso a inserção dos alunos nas redes de saúde e educação do município, através das disciplinas de TCS e dos estágios obrigatórios. As disciplinas de TCS, compreendem a união entre teoria e prática por meio de visitas, vivências e atividades diversas nos locais de atuação do fonoaudiólogo, propiciando reflexões aos profissionais em formação. Elas não têm o objetivo de propiciar práticas clínicas, o que ocorre ao final da graduação, nos estágios obrigatórios.

O TCS possui carga horária total de 360 horas das disciplinas obrigatórias, distribuídas em sete períodos. O TCS I apresenta os cenários e práticas do fonoaudiólogo. O TCS II se fundamenta na educação e na promoção da saúde e inclui debates acerca da integralidade, da humanização, da escuta qualificada, do vínculo e da responsabilização. Já o TCS III promove discussões sobre a Atenção Básica. O TCS IV contempla a fonoaudiologia educacional. O TCS V abrange as deficiências e as necessidades especiais. O TCS VI discute a saúde do trabalhador. As disciplinas de trabalho de campo são finalizadas com o TCS VII, que apresenta aos alunos a atuação em hospitais e maternidades.

A carga horária total dos estágios obrigatórios é de 900 horas. Eles são desenvolvidos nos três últimos períodos do curso (8º, 9º e 10º períodos) e proporcionam a inserção em Unidades Básicas de Saúde, Hospitais e Maternidades, Unidades de Média Complexidade e grupos terapêuticos, Centros de Atenção Psicossocial (CAPS infantil e CAPS II) e na clínica-escola da instituição.

Desde o ingresso da primeira turma, os docentes observaram que algumas questões precisam ser revistas, de forma a garantir adequações e melhorias ao processo de formação, no que diz respeito às disciplinas de ciclo básico e às disciplinas específicas, bem como à estrutura da grade curricular e às disciplinas optativas.

Assim, o presente estudo teve como objetivo explicitar como os docentes se comunicam, constroem pactuações e assumem responsabilidades com os diferentes espaços de inserção de seus alunos na rede de saúde e com o processo de ensino.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, tendo por referência a utilização da abordagem qualitativa, desenvolvido na região Serrana do estado do Rio de Janeiro, por ser o local em que está inserido o curso de graduação em Fonoaudiologia estudado. O projeto que ensejou este trabalho teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Antônio Pedro, da Universidade Federal Fluminense (HUAP-UFF), sob o parecer número 2.645.347.

Os participantes selecionados e convidados para a pesquisa, segundo os critérios de inclusão adotados, compreenderam todos os cinco docentes vinculados ao Departamento de Formação Específica em Fonoaudiologia e que ministravam as disciplinas de Trabalho de Campo e/ou atuavam nos estágios obrigatórios, executando suas atividades na rede pública de saúde do município no momento de coleta de dados. Por sua vez, foram excluídos os professores que não exerciam atividades na rede de saúde ou estavam afastados de suas funções por motivos diversos, como qualificação, licença maternidade, doença ou estar cedido para outro cargo/universidade.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de maio e junho de 2018. O convite para participação foi enviado por e-mail. Todas as entrevistas foram gravadas na íntegra, por meio da utilização de gravador, de voz e transcritas para que fossem analisadas pela pesquisadora. Elas tiveram, em média, 40 minutos de duração. Com o intuito de garantir o anonimato dos participantes, os entrevistados tiveram suas identidades codificadas por nomes de pássaros.

Julga-se necessário mencionar as alterações passadas pelo corpo docente ao longo da existência do curso. Alguns professores se encontram afastados para qualificação profissional, há docentes aposentados por questões de saúde e aqueles que se desligaram do curso e se encontram vinculados a outros programas de graduação. Assim, apenas um dos entrevistados encontra-se desde o início do curso, em 2010. Contudo, salienta-se que este trabalho se propôs a analisar os docentes ativos na rede de saúde no momento da

pesquisa, independentemente de quando tenham iniciado suas atividades no curso, respeitando os critérios de inclusão estabelecidos.

A metodologia de análise ancorou-se na perspectiva hermenêutica, uma vez que ela é considerada a arte de interpretar a comunicação humana. O fenômeno da comunicação humana possui dimensões variadas, com nuances e mistérios. Sendo assim, é necessário dedicar atenção não apenas para o que se diz, mas também para o que não é dito (DEMO, 1995).

As entrevistas analisadas foram confrontadas com os itinerários de trabalho estabelecidos, a partir do roteiro semiestruturado formulado, bem como pelas respostas obtidas, o que compreendeu, por sua vez: a) o campo; b) as DCN e o currículo; c) os desafios docentes para formar os profissionais fonoaudiólogos; d) a rede de saúde do município.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os cinco docentes participantes tiveram suas identidades mantidas em sigilo mediante os seguintes pseudônimos: Beija-Flor, Colibri, Canário, Bem-te-vi e Andorinha.

O campo: contato, atividades desenvolvidas, formação discente e dificuldades

O contato com os campos de prática ocorreu de forma variada para os docentes. Alguns estabeleceram conversas com os atores dos serviços; outros, todavia, inseriram-se em locais pactuados, anteriormente, por outros professores. Contudo, para os entrevistados, independentemente de como o contato inicial tenha acontecido, é essencial que haja pleno diálogo e compreensão do processo que sucederá. A ação de escolha por um campo de cenário de aprendizagem envolve ouvir os gestores, os trabalhadores e os usuários, o respeito, as reflexões sobre atuação e o trabalho articulado.

A integração ensino-serviço busca concretizar mudanças curriculares por meio de ações que articulam ensino e serviços de saúde, como orientadoras de uma nova perspectiva de formação que supere o modelo biomédico. Trata-se de uma forma de vivência educacional na qual os alunos se comprometem com atividades que abordam as necessidades dos usuários e da comunidade, promovendo a aprendizagem e o desenvolvimento dos discentes (LAMERS *et al.*, 2016; SOUZA, CARCERERI, 2011).

Desta forma, inserir os discentes em serviços vinculados ao sistema de saúde se mostra como um valioso instrumento para garantir a integração da teoria com as práticas com as quais os alunos irão se deparar após formados, bem como desvelam a importância da

atuação interprofissional para a formação daqueles que logo atuarão na rede de saúde (FORTE *et al.*, 2015).

As práxis experimentadas pelos discentes ao longo da graduação possibilitam vivenciar a realidade da prática fonoaudiológica segundo novas óticas e concepções; a ampliação de conhecimentos teóricos e práticos; a oportunidade de inserção em diferentes espaços e serviços, os conflitos e as dificuldades inerentes e a atuação em equipe, assim como os ganhos e os desafios inerentes a essa modalidade de trabalho (NEVES; KOIFMAN, 2018).

Para os docentes entrevistados é unânime a valorização do diálogo, seja para conquistar um campo, seja para permanecer onde já atua ou, ainda, para quem irá se inserir no serviço em que outro professor tenha iniciado suas atividades. Eles sinalizam que a conversa precisa ser esclarecedora para instituição de ensino e serviço, visto que este é o momento de elucidar o que se pensa e o que se pretende.

O respeito aos profissionais e ao serviço que acolhe os alunos é outro aspecto relevante, já que a intenção dessa união é promover aprendizagens significativas e sólidas aos estudantes, bem como propiciar ganhos ao serviço ao agregar reforços e esforços para um trabalho de qualidade para a população assistida.

Moreira e Mota (2009) mostram em seu estudo que a atuação fonoaudiológica nos serviços públicos de saúde requer a superação da restrição de práticas assistencialistas e reabilitadoras. Tal fato insere as instituições de ensino superior na roda de discussões, ao evidenciar a necessidade de modificar a formação do perfil profissional a ser formado.

Nos serviços de saúde o trabalho do fonoaudiólogo, de forma geral, inclui ações de promoção e proteção da saúde, prevenção de riscos e agravos, recuperação e reabilitação das funcionalidades, nos diversos aspectos relacionados à comunicação humana e das funções do sistema estomatognático (respiração, sucção, mastigação, deglutição e fala), inserindo-se em Unidades Básicas de Saúde, Ambulatórios de Especialidades, hospitais, Unidades Educacionais, domicílios, além de outros cenários das comunidades (LIPAY; ALMEIDA, 2007; SANTOS *et al.*, 2017).

Assim, as atividades desenvolvidas na rede de saúde variam de acordo com cada professor, com as características dos cenários selecionados, com as escolhas dos alunos e com o serviço, que precisa estar de acordo. As atividades realizadas até o momento das entrevistas estão dispostas a seguir (QUADRO 1).

Atividades desenvolvidas nos TCS e estágios obrigatórios		
TCS/ Estágio	Serviço	Atividades
TCS II	Variados	<ul style="list-style-type: none"> – Discussões com os alunos sobre promoção da saúde; – Seleção do serviço com a turma; – As questões a serem trabalhadas vão variar de acordo com o espaço, com a população assistida, com o que os alunos pensam enquanto possibilidades de atuação etc.
TCS III	Unidades Básicas de Saúde (UBS)	<ul style="list-style-type: none"> – Discussões com os alunos sobre a atenção básica, seus atributos, o que ela envolve; – Grupos de alunos realizam visitas para vivências do cotidiano do serviço de cada Unidade: a rotina, conversa com o usuário, conversa com trabalhador, observa estrutura, como a unidade se comunica com seu usuário, a linguagem utilizada, como se dá o fluxo desse usuário dessa unidade; – Devolutiva do que foi observado para a Unidade; – Realização de uma ação com algum ator ou atores desta Unidade; – Devolutiva do que foi produzido e levantado pelos alunos à Secretaria de Saúde do município.
TCS VI	Fábrica de fechaduras	<ul style="list-style-type: none"> – Trabalhados conceitos de risco ocupacional, normas regulamentadoras sobre audição e questões da saúde do trabalhador; – Elaboração de um Programa de Proteção Auditiva (PPA); – Visita guiada a uma fábrica para observação das questões discutidas.
TCS VII	Maternidade	<ul style="list-style-type: none"> – Discussões teóricas sobre conceitos e práticas do fonoaudiólogo neste espaço; – Observações sobre amamentação; – Visita a banco de leite humano; – Acompanhamento da prática da fonoaudióloga do serviço.
Estágio Institucional	Grupo de Tabagismo	<ul style="list-style-type: none"> – Atuação sob a perspectiva do Apoio Institucional: rodas de conversa, entrevistas e vivências, considerando a comunicação e o letramento em saúde como eixos de trabalho; – Participação nos grupos com os usuários; – Participação em reunião de equipe.
	CAPS II	<ul style="list-style-type: none"> – Grupo de livre demanda para todos que estejam no serviço e tenham interesse sobre questões da fonoaudiologia. Os alunos elaboram <i>folders</i> sobre os temas para entregar aos participantes; – Grupo de editoração que auxilia a produção do jornal do CAPS; – Grupo Exteriorizar, em que os usuários colocam suas questões, falando sobre elas; – Usuários estão sendo preparados para dar palestras e falar sobre suas questões.

	CAPS infantil	<ul style="list-style-type: none">– Participação nas reuniões de equipe (a cada semana um aluno vai à reunião);– Oficina de comunicação (leitura e escrita, além de outras questões da fonoaudiologia, com motricidade orofacial e voz);– Oficina de trabalhos manuais (com miçangas, tecidos etc.);– Filmagens e gravações para realização de um documentário sobre a infância e a adolescência nesse espaço;– Organizar a rede entre a Clínica Escola da UFF e o CAPS infantil.
Estágio Hospitalar	Maternidade	<ul style="list-style-type: none">– Atendimento clínico de acordo com as necessidades dos bebês: estimulação da sucção, nutritiva e não nutritiva, por exemplo;– Treinamentos com a equipe de enfermagem;– Atuações com o banco de leite;– Grupo de gestantes: orientações sobre amamentação e outras questões;– Palestras na Maternidade.

Quadro 1 – Atividades desenvolvidas nos TCS e estágios obrigatórios

Fonte: as autoras.

Sobre a formação dos alunos, foi pontuado o fato de a prática fonoaudiológica ainda estar atrelada à reabilitação e que, nos campos, os alunos têm a possibilidade de pensar além. Assim, os cenários compreendem a possibilidade de refinar o olhar desde o início da graduação sobre questões que configuram a complexidade de uma atuação pautada no outro. Esse é um dos grandes desafios do trabalho na área da saúde.

Além disso, é preciso considerar a variedade de religiões, crenças e estilos de vida dos sujeitos o que, por sua vez, requer do profissional, superar julgamentos e pré-conceitos. Quando um sujeito chega até o profissional de saúde com uma queixa, ele precisa receber o acompanhamento e o cuidado que lhe são de direito.

Quanto à entrada nos serviços, Beija-Flor afirma:

“Então eu acho que a partir do momento que você consegue circular nas equipes, se misturar com outros profissionais de forma tranquila, trabalhar com o usuário, com a família dele, saber que a gente consegue juntar todo mundo e de que disso forma uma coisa muito legal, prepara o fonoaudiólogo para o desafio profissional e para conseguir olhar o ser humano como um todo [...]”

A burocracia foi apontada, por um docente, como um elemento que interferiu negativamente na realização de ações que envolviam a integração de setores do município.

Apesar da reflexão negativa, uma vez que a ação planejada pelos estudantes estava na iminência de não acontecer, o professor trabalhou a dificuldade em questão com seus alunos. Para ele, os discentes precisam conhecer os obstáculos e frustrações que os profissionais enfrentam, apesar de todo esforço para que determinada atividade se concretize.

DCN e currículo: um processo contínuo de aprendizagem e reflexões

De forma a romper o modelo hegemônico de formação, tem-se como marco, no que diz respeito à formação e à inserção do fonoaudiólogo no SUS, a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Fonoaudiologia, em 2002, em que ficou estabelecido como eixo de formação a inserção discente no sistema público de saúde vigente no país, cabendo às instituições o dever de formar profissionais capazes de atuar com qualidade, eficiência e resolutividade no SUS (BRASIL, 2002).

Quando os docentes foram questionados sobre as DCN e o currículo do curso, surgiram questões e inquietações, sendo, muitas delas, comuns a todos os entrevistados. O ponto de partida de todos eles sobre o currículo envolveu o posicionamento contrário à dicotomia entre ciclo básico e ciclo profissional, muito marcante na configuração do curso. Esses temas geram profundas discussões, pois o volume de disciplinas teóricas até o sétimo período é elevado. A partir do oitavo período, os alunos estão nos estágios e costumam chegar a estes sem se recordarem de conteúdos importantes para sua atuação. Alguns podem cursar disciplinas optativas também nesse momento.

Sabe-se que, quando os discentes vivenciam a teoria em paralelo com a prática, conseguem compreender a implicação e a relevância dos conteúdos para a atuação fonoaudiológica, o que promove, por conseguinte, uma aprendizagem mais significativa.

Deve-se refletir também que o aluno, ao chegar aos estágios, nos períodos finais, encontra-se cansado e com elevado nível de estresse, o que interfere de forma negativa em seu desempenho, devido a cobrança com os planejamentos terapêuticos semanais a serem desenvolvidos por variados setores da clínica, leituras de materiais, disciplinas e produção do Trabalho de Conclusão de Curso.

Inserir o estudante desde o primeiro ano nas situações reais da prática profissional mostra ser um grande investimento para a formação crítica, para uma aprendizagem significativa e para a relação entre conteúdos teóricos e práticos, dado que a postura crítica/reflexiva consiste em um processo, ou seja, uma construção (CAMPOS et al., 2013). Os estudos de Costa (2007), Campos (2007), Trajman (2009) e Gomes et al. (2012) reafirmam a necessidade

de inserção, o quanto antes, do estudante da área de saúde na realidade dos serviços do SUS para vivenciar as situações cotidianas, estruturais, e os desafios do processo de trabalho.

Bem-te-vi assinala as seguintes questões acerca do currículo do curso: carência de oferta de disciplinas da área de humanas; necessidade de maior articulação e aproximação entre disciplinas e estágios; elevada carga horária de disciplinas optativas a serem cursadas; a variação de carga horária das disciplinas em cada semestre, o que poderia ser equilibrado com a melhor distribuição delas; o maior contato com o mundo prático desde o início da graduação, para que o aluno possa interrogar a teoria e veja sentido ao estudar; o longo período de férias entre o segundo e o primeiro semestre do ano seguinte, o que, reflete negativamente nos estágios e campos de prática; além da questão de a fonoaudiologia não ser a opção de muitos dos alunos que ingressam.

Andorinha relatou sua preocupação com a saúde mental dos alunos. Isto porque, muitas vezes, eles se encontram abalados, cansados e estressados com essa fase tão importante para a formação devido as diversas atividades e afazeres que possuem.

No que diz respeito à questão da clínica-escola, Canário fez uma importante crítica a este modelo adotado pelo curso de Fonoaudiologia da UFF:

“[...] é um modelo que todas as profissões da saúde já abandonaram há muito tempo, porque se eu tenho na norma regulamentadora da formação de recursos humanos em saúde que o SUS é o balizador e formador, levar o aluno para um ambiente de prática clínica modelado, protegido, eu acho um atraso. Abdicar desse espaço não, mas esse espaço tem que ser complementar a outros espaços de formação e supervisão que é o mundo real do trabalho. Isso pode criar um viés que é da escolha do usuário que será atendido, do diagnóstico pra pesquisa ou da publicação do professor supervisor e não a partir do perfil epidemiológico, do território, a partir da compreensão de como é que se dá os problemas de caráter fonoaudiológico mais prevalentes para determinado território. E aí as dificuldades que essas clínicas têm de se vincularem à realidade local, porque você acaba tendo uma “triagem” de casos e de estímulo ao debate de casos que são quase fictícios porque as escolhas não são dadas pelo perfil de morbimortalidade, não são dadas pelo território, são dadas pela linha de pesquisa do professor.”

Tal posicionamento sobre a clínica-escola também é abordado no estudo de Campos *et al.* (2013). Segundo estes autores, mesmo com avanços no que diz respeito à inserção dos estudantes nos serviços de saúde, ainda há práticas que ocorrem no modelo de clínica-escola, ou seja, em ambiente protegido, onde não se pode refletir sobre a realidade dos serviços de saúde em que o estudante irá se deparar em sua prática profissional.

Disciplinas fragmentadas, mal posicionadas e fundamentais das grandes áreas da fonoaudiologia que não eram ofertadas resultaram em emendas e ajustes no currículo, incorporando novos conteúdos, disciplinas e vivências. Canário pontua: *“isso também tem um lado positivo, porque mostra que esses professores, com todas as suas dificuldades, estão preocupados em transformar o currículo” e pondera “currículo não é uma carta magna e ele tem que ser revisitado”*.

Apesar de muitas críticas e questões acerca da formação, os docentes valorizam e acreditam que o TCS na rede de saúde repercute positivamente nos futuros profissionais. Afinal, a melhor forma de aprender e conhecer sobre os serviços é vivenciá-los. Esse ponto de vista corrobora com um estudo sobre a produção de cuidados em saúde por dentistas no SUS, em que os autores Baumgarten e Toassi (2013) afirmam que os estágios supervisionados oferecidos no SUS, na graduação, propiciam um processo de aprendizagem privilegiado, não só sobre a produção de saúde, mas também no cuidado, promovendo atividades coletivas, acolhimento ampliado e a participação da sociedade em um trabalho de equipe.

Desafios envolvidos na formação de futuros fonoaudiólogos

A nova sessão inicia com uma crítica importante de Canário quanto à fonoaudiologia, como forma de fomentar as discussões e os posicionamentos.

“[...] pela Fonoaudiologia ser uma profissão recente, ela busca construir sua identidade por vezes nos referenciais das ciências do século XIX. Eu acho que ela tem que buscar os referenciais do século XXI. [...] ao invés de ficar olhando para trás, a gente tem que aprender com o passado para poder projetar o futuro. E isso é o que eu tenho buscado.”

O desafio de proporcionar uma formação generalista, como preconizado pelas DCN, foi um tema contemplado, visto que a fonoaudiologia é constituída por múltiplos saberes e variadas áreas de conhecimento. Afinal, corre-se o risco de que a aprendizagem ocorra de forma segmentada, não promovendo a conexão entre os saberes, e que o aluno conclua sua graduação com o viés das especialidades. A formação dos profissionais deve ser interdisciplinar, e atuar para que ela ocorra dentro desta perspectiva constitui uma árdua tarefa.

“Acho que o desafio é costurar as áreas, porque a gente tem coisas muito em bloco, muito separadas, embora tenha uma intenção de costurá-las, quando nossos alunos chegam muito tardiamente lá na clínica ou em campo, eles não conseguem olhar pra fonoaudiologia como uma coisa só, que ela é” (Beija-Flor).

Os docentes reconhecem a desvalorização do fonoaudiólogo quanto aos honorários: o não cumprimento do piso salarial por parte de empresas, os baixos valores pagos para realização de exames auditivos e atendimentos *homecare*, assim como em atendimentos clínicos realizados através dos planos de saúde.

Há ainda outro desafio a ser superado, que compreende a inserção do fonoaudiólogo em todos os níveis de atenção à saúde, pois esse profissional ainda busca reconhecimento e valorização nos diferentes âmbitos do SUS. Essa condição está evoluindo e, em alguns lugares, o encontramos com mais facilidade, mas ainda há muito a ser conquistado, principalmente na atenção básica, uma vez que permanece sendo recorrente encontrar o fonoaudiólogo nos ambulatórios de especialidades.

As universidades têm buscado a reorientação de seus currículos para que os profissionais formados possam atuar na perspectiva da promoção da saúde, no primeiro nível de atenção. Este movimento na formação busca transpor a visão limitada de que a Fonoaudiologia é restrita à reabilitação, sendo encarada, equivocadamente, como uma profissão somente de atenção especializada. Atualmente sabe-se que a atuação do fonoaudiólogo na Atenção Básica requer profissionais generalistas, atuantes em uma rede de cuidados progressivos, relacionando diferentes saberes e na perspectiva da integralidade em saúde. Para isso, a sua formação deve contemplar cenários e práticas pertencentes ao mundo do trabalho (ZANIN; ALBUQUERQUE; MELLO, 2015).

Na Atenção Básica, junto à equipe multidisciplinar, o fonoaudiólogo realiza diagnóstico situacional, acolhimento, visitas domiciliares, atendimentos interdisciplinares ou transdisciplinares individuais ou em grupos, educação em saúde dentro das unidades de saúde e em seu território, matriciamento, participação em campanhas de saúde, coparticipação na educação permanente das equipes e realização e divulgação de pesquisas (ANDRADE *et al.*, 2014).

Sobre os desafios da atividade docente de formar futuros profissionais de saúde, especificamente quanto à inserção dos alunos nos cenários diversificados de aprendizagem, estudo de Isaia (2006) aponta a necessidade de o professor se preparar para discutir as questões da inserção real do estudante na prática profissional, e não reproduzir o modelo protecionista da clínica-escola. Deve haver um investimento na prática docente para que possa ocorrer a sua atualização.

Os docentes evidenciam esse ponto ao relatarem a constante resignificação de suas práticas e reinventar-se a partir de saberes e problematizações propiciados pelos campos, bem como pelas questões levantadas para debate a cada supervisão. Eles afirmam que os

aprendizados não são apenas para os alunos, mas para si. A complexidade e a riqueza da atividade profissional docente envolve um processo de reconstrução diária.

A rede de saúde sob a esfera municipal

No município em questão verificam-se fragilidades que repercutem de forma negativa na rede de cuidados aos usuários que necessitam de atendimentos específicos, bem como àqueles que precisam caminhar por diferentes serviços de atenção, seja na cidade ou nos locais de referência pactuados em outros municípios.

A Estratégia Saúde da Família (ESF) ainda é um desafio para o município, segundo Canário:

“[...] nós temos um município com uma cobertura de Estratégia Saúde da Família que estava, em janeiro de 2017, na ordem de 14% da população. [...] Nós tínhamos 24 equipes de ESF credenciadas junto ao Ministério e apenas 11 equipes eram completas. Nós temos vazios assistenciais nesse município da ordem de 40% da população, ou seja, 40% da população não tem uma unidade de saúde de referência. Isso num município de quase 200 mil habitantes [...]”

Sobre a ESF, Colibri menciona os benefícios que o município teria com a adequada implantação dessa, não apenas sobre a perspectiva do acompanhamento das necessidades de saúde da população, mas como dispositivo de comunicação entre os sujeitos, a partir de reuniões de equipe, reuniões entre gestores e equipes e reuniões entre gestores.

“[...] dentro das unidades os próprios profissionais não se falam. Então como que a gente vai falar com o lado de fora se a gente não fala nem com quem tá dentro? A própria gestão não tem o hábito de fazer essa reunião de equipe, mas enquanto Estratégia, isso é preconizado. Então assim, eu acho que já avançaria um pouco mais” (Colibri).

Os entraves com a comunicação correspondem a um tema que despertou considerações, pois o compartilhamento de informações entre as equipes e os níveis de atenção não ocorre de forma adequada, culminando em dificuldades para operar o modelo das redes de atenção em saúde. Segundo Andorinha, “tem todo um jeito, uma forma que eu acho que ainda tem que melhorar. Questões burocráticas, tudo lento, um desencontro de informações que atrapalha. Eu acho que tinha que melhorar essa comunicação”.

A alta rotatividade de gestores é outro tópico que afeta a rede de saúde, pois há fragmentações e rupturas de continuidade de processos. Os projetos e as ações não seguem seu curso, pelo contrário, retrocedem a cada mudança de gestor. Parece haver uma disputa de poder e a necessidade de romper o trabalho iniciado anteriormente, como forma de manifestar força, e não afirmar o que fora construído.

No município, a maior parte das questões de saúde são resolvidas na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e no hospital geral, o que culmina em sufocamento dos serviços, longas filas, insatisfação por parte de usuários e profissionais. Em diversas policlínicas ainda impera o sistema de fichas e senhas, devendo o usuário chegar com horas de antecedência (às vezes ainda madrugada) aos serviços. Os prazos são variados e os atendimentos podem ocorrer no mesmo dia ou na semana seguinte. Observa-se, assim, a necessidade de estruturação da rede quanto às demandas programadas e espontâneas.

A saúde mental atua com dificuldades, pois, apesar da existência de um CAPS II e do CAPS infantil, cuja abertura é recente, a lógica ainda é de internação compulsória, seja no hospital geral ou em clínica psiquiátrica, que se mantém aberta e operante mesmo após anos da reforma psiquiátrica. Além disso, ainda há discussões primárias sobre qual serviço deve se responsabilizar pela distribuição de medicação aos pacientes, por exemplo.

A fonoaudiologia segue sua luta pela conquista de espaço nos serviços de saúde da cidade. Embora o profissional fonoaudiólogo já exercesse seu trabalho em determinados locais, os estágios obrigatórios e as disciplinas de TCS ampliaram as possibilidades e o entendimento, por parte da rede de saúde, quanto à grandeza da atuação deste profissional e aos diversos locais em que ele pode ser inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo consentiu conhecer as potências e as fragilidades na configuração da graduação em Fonoaudiologia em questão. Como aspectos positivos, pode-se destacar a inserção dos alunos na rede de saúde do município nos períodos iniciais do curso, bem como a proatividade dos professores, de forma a assegurar uma formação de qualidade, pautada em vivências sólidas propiciadas pelos diversos serviços de saúde que frequentam. Sinaliza-se também o comprometimento docente para garantir aos discentes arranjos disciplinares mais adequados, possibilitando conhecimentos teóricos fundamentais a uma boa atuação profissional.

Em contrapartida se tornam evidentes as vulnerabilidades do curso, tais como a dicotomia entre ciclo teórico e ciclo prático, estágios clínicos obrigatórios restritos ao ambiente de clínica-escola, a disposição desarmoniosa de disciplinas na grade curricular e a alta rotatividade dos docentes vinculados ao curso. Sobre esta última questão, muitos deles se desvincularam para qualificação ou solicitaram transferência para outra graduação, o que provoca impacto na formação, devido à variedade de abordagens e olhares perante as disciplinas, o que pode gerar dificuldade de compreensão sobre os conhecimentos e as práticas por parte dos alunos.

Sobre os desafios da atuação no campo vividos pelos docentes, pode-se destacar o fato de o fonoaudiólogo possuir muitas possibilidades de atuação e em diferentes cenários de práticas, o que requer um amplo conhecimento da rede de saúde do município, bem como estabelecimento de diálogo com os gestores para a plena inserção dos seus alunos em cada local de prática relevante para a formação. Como um fator complicador das pactuações, verifica-se a alta rotatividade de trabalhadores e gestores dos serviços, o que culmina em obstáculos para esses docentes que dependem do campo para suas disciplinas.

Os professores trazem em sua fala a alegria de formar um profissional de saúde, ao passo que expressam a responsabilidade que seu trabalho carrega, pois, ao levar seus alunos para os serviços de saúde do SUS, eles buscam garantir saberes concernentes às múltiplas possibilidades da atuação profissional e a superação de uma visão do trabalho apenas com função reabilitadora. Eles mostram para os estudantes, por meio de cada ida a campo e atividades com os diferentes sujeitos da população, que o trabalho cotidiano demanda ampliar o espectro de ações a serem desenvolvidas pelos fonoaudiólogos, principalmente na atenção básica. Nesse nível assistencial o trabalho deve contemplar atividades de promoção e prevenção da saúde.

Os docentes almejam, com suas práxis, ampliar o escopo de atuação para além dos aspectos técnicos, proporcionando um olhar singular sobre cada sujeito e território, de modo a cumprir o que é preconizado pelo sistema público de saúde. Além disso, ao inserir os alunos nos diferentes serviços do município, os professores mostram a grandeza da Fonoaudiologia, através de um trabalho de qualidade ofertado para a população. Esse movimento garante que o fonoaudiólogo ganhe visibilidade e passe a atuar em espaços antes não pensados pelo município, como é o caso dos CAPS, ao mesmo tempo que faz com que a sociedade compreenda a sua grandeza.

Ainda sobre a atividade docente e os desafios de formar futuros profissionais de saúde, especificamente quanto a inserção dos alunos nos cenários diversificados de aprendizagem, ressalta-se a necessidade de o professor se preparar junto de seus alunos para essa entrada no mundo real de práticas. Eles corroboram esse ponto ao contar sobre o processo de ressignificação de sua vida profissional e quanto a necessidade de se reinventarem frente ao que vivem nos campos e nas discussões provenientes das supervisões.

Segundo o exposto, pode-se dizer que estudos sobre a formação do profissional fonoaudiólogo a partir da inserção em cenários diversificados de aprendizagem, devem ser incentivados em nosso país. Eles são de suma importância e devem acontecer de forma a ampliar conhecimentos tão relevantes sobre o processo de formação de uma profissão tão multifacetada e que tem, como objeto de ação, o fenômeno da comunicação humana que, por sua vez, permeia a vida de todos os indivíduos e perpassa por toda e qualquer profissão.

Assim, reforça-se aqui a necessidade contínua de discussões e produção científica sobre a formação do fonoaudiólogo e a atividade docente nos campos de prática.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Aline Fernanda, LIMA, Mirella Muzzi, MONTEIRO, Natália Pereira, SILVA, Vanessa de Lima. Avaliação das ações da Fonoaudiologia no NASF da cidade do Recife. *Audiol Commun Res.*, v. 19, n.1, p. 52-60, 2014.

BAUMGARTEN, Alexandre; TOASSI, Ramona Fernanda Ceriotti. A formação do cirurgião-dentista no Sistema Único de Saúde: a produção do cuidado em saúde. *Rev. Bras. Pesq. Saúde.*, v. 15, n. 4, p. 115-122, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/104456/000920004.pdf?sequence=1>. Acesso em: 19 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES 5, de 19 de fev. de 2002. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fonoaudiologia. Brasília: *Diário Oficial da União*, fev. 2002.

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. Papel da rede de atenção básica em saúde na formação médica – Diretrizes. *Cadernos ABEM*, v. 3, 2007. Disponível em: https://www.pucsp.br/prosaude/downloads/bibliografia/papel_rede_atencao_basica.pdf. Acesso em: 19 jul. 2020.

CAMPOS, Lays Cléria B.; DELLA BARBA, Patrícia Carla de S.; MARTINEZ, Claudia Maria S. A formação do terapeuta ocupacional com ênfase na atenção básica em saúde: o ponto de vista de docentes. *Rev. Ter. Ocup.*, v. 24, n. 1, p. 9-17, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v24i1p9-17>. Acesso em: 19 jul. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. *Áreas de competência do fonoaudiólogo no Brasil*. 2. edição. Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.fonoaudiologia.org.br/cffa/wp-content/uploads/2013/07/areas-de-competencia-do-fonoaudiologo-2007.pdf>. Acesso em: 18 jul. de 2020.

COSTA, Nilce Maria da Silva Campos. Docência no ensino médico: por que é tão difícil mudar? *Rev. Bras. de Educ. Med.*, v. 31, n. 1, p. 21-30, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022007000100004>. Aceso em: 19 jul. 2020.

COSTA, Eula Maria de M. B.; BARA, Maria Teresa F.; GARCIA, Telma A. Momentos de avaliação e movimentos de mudança em um curso de farmácia. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, v. 18, n. 3, p. 613-628, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772013000300006>. Acesso em: 19 jul. 2020.

DEMO, Pedro. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. 3. edição revisada e ampliada. São Paulo: Atlas, 1995.

FAGUNDES, Norma Carapiá; BURNHAM, Teresinha Fróes. Discutindo a relação entre espaço e aprendizagem na formação de profissionais de saúde. *Rev. Interface*, v. 9, n. 16, p. 105-114, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832005000100009>. Acesso em: 19 jul. 2020.

FORTE, Franklin Delano Soares *et al.* Reorientação na formação de cirurgiões dentistas: o olhar dos preceptores sobre estágios supervisionados no Sistema Único de Saúde (SUS). *Rev. Interface*, v. 19, n. 1, p. 831-843, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622014.1013>. Acesso em: 19 jul. 2020.

GOMES, Andréia Patrícia *et al.* Atenção Primária à Saúde e Formação Médica: entre Episteme e Práxis. *Rev. Bras. Educ. Med.*, v. 36, n. 4, p. 1-9, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022012000600014>. Acesso em: 20 jul. 2020.

ISAIA, Silvia Maria Aguiar. Desafios à docência superior: pressupostos a considerar. In: RISTOFF, Dilvo; SEVEGNANI, Palmira (org.). *Docência na educação superior*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; 2006. p. 63-84. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/489018/Doc%C3%Aancia+na+Educa%C3%A7%C3%A3o+Superior/997400de-a6c1-4aa7-a06c-b586dc4d6412?version=1.1>. Acesso em: 20 jul. 2020.

LAMERS, Juliana Maciel de Souza *et al.* Mudanças curriculares na educação superior em Odontologia: inovações, resistências e avanços conquistados. *Revista da ABENO*, v. 16, n. 4, p. 2-18, 2016. Disponível em: http://revodontobvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-59542016000400002&script=sci_arttext. Acesso em: 20 jul. 2020.

LIMA, Bárbara Patrícia da Silva; VILELA, Rosana Quintella Brandão. Características e desafios docentes na supervisão de estágio em fonoaudiologia. *Rev. CEFAC.*, v. 16, n. 6, p. 1962-1971, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v16n6/1982-0216-rcefac-16-06-01962.pdf>. Acesso em: 25 out. 2020.

LIPAY, Maíra Somenzari; ALMEIDA, Elizabeth Crepaldi. A fonoaudiologia e sua inserção na saúde pública. *Rev. Ciênc. Med.*, Campinas, v. 16, n. 1, p. 31-41, 2007. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/view/1073>. Acesso em: 25 out. 2020.

MOREIRA, Mirna Dorneles; MOTA, Helena Bolli. Os caminhos da fonoaudiologia no Sistema Único de Saúde – SUS. *Rev. CEFAC.*, v. 11, n. 3, p. 516-521, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-18462009000300021>. Acesso em: 25 out. 2020.

NEVES, Vivian de Carvalho Reis; KOIFMAN, Lilian. Formação em saúde através da inserção em cenários de prática profissional: perfil de egressos. *Diversitates International Journal.*, v. 10, n. 2, p. 29-43, 2018. Disponível em: <http://www.diversitates.uff.br/index.php/1diversitates-uff1/article/view/257/141>. Acesso em: 25 out. 2020.

SAIPPA-OLIVEIRA G. *Saberes e esquemas de ação docente em saúde coletiva*. 2010. 165 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/2554/1/ENSP_Tese_Saippa_Gilson.pdf. Acesso em: 2 nov. 2020.

SANTOS, Jéssica Andrade Pinheiro; ARCE, Vladimir Andrei Rodrigue; MAGNO, Liz Duque; FERRITE, Silvia. Oferta da Fonoaudiologia na rede pública municipal de saúde nas capitais do Nordeste do Brasil. *Audiol., Commun. Res.*, v. 22, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2015-1665>. Acesso em: 25 out. 2020.

SOUZA, Ana Luiza de; CARCERERI, Daniela Lemos. Estudo qualitativo da integração ensino-serviço em um curso de graduação em Odontologia. *Interface (Botucatu)* [online]., v. 15, n. 39, p. 1071-1084, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832011005000025>. Acesso em: 20 jul. 2020.

TRAJMAN, Anete *et al.* A preceptoria na rede básica da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro: opinião dos profissionais de saúde. *Rev. Bras. Educ. Med.*, v. 33, n. 1, p. 24-32, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022009000100004>. Acesso em: 20 jul. 2020.

ZANIN, Loíse Elena, ALBUQUERQUE, Izabelle Mont'alverne Napoleão; MELO, Daniel Hardy. Fonoaudiologia e estratégia de saúde da família: implicação da dimensão estrutural na qualidade da atenção à saúde fonoaudiológica. *Audiol. Commun. Res.*, v. 20, n. 3, p. 255-261, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2015-1546>. Acesso em: 25 out. 2020.

Vivian de Carvalho Reis Neves

Graduação em Fonoaudiologia pela Universidade Federal Fluminense. Especialização em Distúrbios de Fala e Linguagem. Mestrado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal Fluminense. Experiência nas áreas de Comunicação Humana e Saúde Coletiva com ênfase em: linguagem infantil; adultos e idosos com distúrbios neurológicos adquiridos de linguagem e cognição; formação em saúde, em especial, a formação sob a ótica da integração ensino, serviço e comunidade.

viviancrneves@gmail.com

Lilian Koifman

Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado e doutorado em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz. Professora Titular do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal Fluminense. Experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Formação em Saúde, atuando sob os temas: educação médica, currículo médico, reformulação curricular, formação em saúde e integralidade na saúde.

liliankoifman@id.uff.br